

Para citar esse documento:

RODRIGUES, Pietra Pedrosa Silva. História da Dança Vogue em Goiânia: gênero, arte e sociabilidades urbanas (1990-2020). *Anais do 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança – 2ª Edição Virtual*. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2021. p. 1995-2001.

**Anda**

[www.portalanda.org.br](http://www.portalanda.org.br)

## História da Dança Vogue em Goiânia: gênero, arte e sociabilidades urbanas (1990-2020)<sup>1</sup>

Pietra Pedrosa Silva Rodrigues (UFG)

Dança, Memória e História

**Resumo:** Este texto se dedica a apresentar as impressões iniciais da pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/UFG) a respeito da história da dança vogueing na cidade de Goiânia. Tendo em vista que esse constitui a primeira exposição pública do estudo, optei em realizar uma apresentação inicial de minha inserção na cultura Ballroom e uma explanação panorâmica de aspecto cronológico do estudo realizado até o momento.

**Abstract:** This text is dedicated to presenting the initial impressions of Scientific Initiation research (PIBIC/UFG) about the history of vogueing dance in the city of Goiânia. Considering that this constitutes the first public exhibition of the study, I chose to make an initial presentation of my insertion in the Ballroom culture and a panoramic explanation of the chronological aspect of the study carried out so far.

Eu sou Pietra Pedrosa, estudante de graduação no curso de Licenciatura em dança pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Escrevo essa pesquisa sobre o *vogueing* na cidade Goiânia entre o período da década de 1990 e 2020, onde conto um pouco da história desta dança da cultura *Ballroom* e seus atravessamentos e contribuições para as pessoas dissidentes dentro da cidade. Antes de entrarmos especificamente na pesquisa, faço um breve relato de como cheguei nesse assunto como tema para investigação. Foi aos meus 16 anos que participei de aulas de artes no centro da cidade, no Teatro Escola Basileu França e foi nesse período que tive meu primeiro contato com o *vogueing*, quando me encontrei na dança e comecei a me dedicar as práticas e estilos que o vogueing proporciona, entre os anos de 2011 e 2012, através da Roh Witch, *Mother da House of Witch*, segunda casa fundada em Goiânia em agosto de 2019. Nessa escola eu praticava danças como *poping*, *house dance*, *waacking*, *free style*, *dance hall* entre outras, e a todo momento, as performances corporais eram organizadas a partir do sexo biológico, infelizmente

<sup>1</sup> Pesquisa desenvolvida com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), através do Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC/UFG), sob orientação do prof. Dr. Rafael Guarato.

não se discutia gênero ou raça na minha adolescência, como discutimos hoje, então frequentemente ouvia-se narrativas carregadas de fobias de gênero e racismos

A importância dessa pesquisa, não se deve somente sobre o poder estar aqui escrevendo, mas ao que me fez querer permanecer a escrever, o que me fez querer estar aqui. Entrar na universidade (mesmo em um curso na área da arte) quando se é travesti e preta, é motivo de surto coletivo e discursos de ódio velado, disfarçado de algum acolhimento e suporte. Ao mesmo tempo, é lidar cotidianamente com a falta de quase ausência literária sobre gênero ligado a raça e cultura e que se relacione com a dança, que não te faz se sentir pertencente. Aqui tenho a oportunidade de tratar de assuntos que as escolas de dança não abordam. Nestes espaços, as práticas não dançam junto com as vivências pessoais, os movimentos não contam histórias, aprende-se apenas técnicas e te ensinam a decorar passos de danças. O *voguing*, assim como outras danças, são ensinados nessas escolas de dança deslocados de seus sentidos culturais. Trata-se de uma dança que surge por momentos vivenciados em situações fora dos espaços fornecidos para dançar, e isso conta muito, mesmo que as movimentações sejam parecidas, trazem não apenas qualidades estéticas diferentes, mas sentimentos diferentes. É uma dança que está ligada aos sentimentos.

Entendendo isso, essa pesquisa se inicia como um esforço de contar histórias sobre a cultura *ballroom* em Goiânia, pois temos nossas histórias e elas são carregadas de ancestralidades, são geracionais, com elas damos sentido ao que construímos para nós e para nossa comunidade. Que possam praticantes de *voguing* pretas e mestiças, originárias, trans femininas e trans masculinos, não binários, bichas, escreverem mais sobre suas histórias e suas ancestralidades. A dança *voguing* nunca é somente dança no sentido de fenômeno que se apresenta publicamente, ela faz parte de quem somos como identidade, ela está ligada a nós por muitos anos através da história. Por isso, o *voguing* carrega consigo essas histórias de dança com a vida das pessoas, assim como nos evidencia os primeiros momentos em se pensar movimento de dança dentro da cultura dos *balls*, ao fazerem referência aos hieróglifos do antigo Egito, de contar uma história através de outra, de personificar ancestralidade futurista.

Num primeiro exercício deste estudo realizado na disciplina História da Dança, me chamou a atenção a necessidade de documentos, pesquisas e produzir informações que conseguissem contextualizem sobre a cena em Goiânia, pois

diagnostiquei a existência de carência nas medidas mais efetivas de transformações na cultura e no alcance das pessoas, sobretudo pessoas pretas, mestiças, originárias e trans. Não teorizar, trazer debates sobre as práticas do *voguing*, vivências em batalhas nos *balls*, diálogos feitos a partir do conteúdo que temos acesso e criamos seja ele audiovisual, ou escrito, faz com a cena ainda caia em situações de constrangimento e abandono de corpos extremamente necessários dentro da comunidade *ballroom*. Deste modo, esta pesquisa é também um ato político de demarcar dentro do espaço acadêmico, uma abertura e um esforço de compreender passados em dança que não os hegemônicos (TAMBUTTI e GIGENA, 2018; CADÚS, 2019 e GUARATO, 2019).

### Voguing e cultura Ballroom

Não se sabe ao certo quando a cultura *ballroom* teve seu início, porém suas primeiras configurações surgem dentro do Harlem na cidade estadunidense de Nova Iorque e o que se tem são alguns registros que datam bailes de mascarados em final do sec. XIX organizados por pessoas LGBTIA+. Em 1920, teve um aumento muito grande de pessoas que frequentavam esses bailes, muito dos participantes eram *drag queens*, que competiam e performavam nesses espaços de maneira extravagante e elegante (SANTOS, 2018; PEREIRA, 2020). Esses bailes falavam muito sobre a estética de beleza e riqueza, promovendo competições que aconteciam entre as pessoas, essa estética estava pautada numa hegemonia de corpos cuja maioria era constituído de pessoas brancas e com isso as que mais ganhavam prêmios e reconhecimentos, tanto dos jurados que julgavam as categorias quanto dos espectadores (SANTOS, 2018; ZION, 2019).

Pessoas pretas e latinas frequentavam esses bailes e também competiam, porém havia um requisito a mais para esses corpos. Se quisessem alguma chance de ganhar, precisavam se embranquecer o máximo possível (SANTOS, 2018; ZION, 2020; PEREIRA, 2020) Diante essa condição, pessoas pretas e latinas começaram por volta da década de anos 1960 o processo de migração cultural, dando espaço e visibilidade para o seus corpos, produzindo ao mesmo tempo outras estéticas e bailes que se constituiu como cultura *ballroom*, moldada a partir de uma lógica antirracista e fundamentada em um espaço que gera

acolhimento e segurança dos indivíduos que não se adequavam a estéticas dos bailes organizados por pessoas majoritariamente brancas.

Durante esse processo, em meados de 1970 surgiram os *balls*, bailes em que majoritariamente seus participantes e competidores eram pessoas pretas, latinas e LGBTIA+ que em sua maioria eram pessoas expulsas de suas famílias primárias por serem que são e para sobreviverem longe dos perigos que é viver nas ruas, eram convidados e passavam a viver em *Houses*.<sup>2</sup> Por sua configuração, as *Houses* é uma dos elementos mais importantes da cultura *ballroom*, principalmente pelo forte impacto que tem na vida material e afetiva das pessoas que a compõe e também por darem vida a cena dos *balls*, bem como, são responsáveis pelo fomento da cultura para a cena onde elas são constituídas, como também para a comunidade.

As categorias de competição que ocorrem nas *balls* nesses bailes eram bem variáveis, eram divididas por *runway*, *realness*, *best drees*, *face* entre outras. Durante a década de 1980, quando influenciados pelas poses das modelos que viam nas revistas de moda, os participantes começaram a trazer essas poses para dentro das competições. Essas poses eram feitas junto a batida da música, o que levou o *voguing* a primeiro momento ser conhecido como *posing* e depois a ser chamado de *voguing* por referência a revista *Vogue* (SANTOS, 2018).

Em 1990, foi quando graças ao documentário *Paris is burning* (LIVINGSTON,1991), que a cultura conseguiu ganhar visibilidade midiática, o que fez assim com que artistas da época colocassem os olhos no que os praticantes dos *balls* estavam fazendo. Nesse processo de midiatização da cultura *ballroom*, a cantora Madonna foi considerada como referência, durante muitos anos por sua música “*Vogue*” que compôs o álbum *I'm Breathless* de 1990.<sup>3</sup> Devido ao sucesso mundial da cantora pop, a cultura *ballroom* ganhou ramificação por Nova Iorque e assim chegando a outros países, dos continentes europeus e asiáticos e também dentro de países no continente americano, como o caso da América Latina e o Brasil.

<sup>2</sup> A primeira *House* fundada foi a de Crystal Labeija, 1972. Crystal é considerada uma das poucas *queens* negras que conseguiu premiações dentro dos bailes feito por brancos e também foi primeira *Mother* de sua *House* que recebe seu segundo nome, a *House of Labeija*, o que logo fez com que outras casas fossem se formando.

<sup>3</sup> Tanto para coreografar, dançar em suas turnês, como para gravar o vídeo clip do single “*Vogue*”, Madonna contratou dançarinos influentes da cena *ballroom* do período, como Willi Ninja, José Xtravangaza e outros.

## Esboço panorâmico sobre a dança voguing em Goiânia

E foi através desse processo de midiatização, que a dança *voguing* aparece em suas primeiras manifestações no Brasil. Portanto, o que encontramos a princípio em nosso país, foi a prática da dança *voguing* por suas características estéticas e dinâmicas de movimentação, ficando deslocada da cultura *ballroom* da qual proveio. Durante a pesquisa, encontramos documentos de audiovisual disponíveis no YouTube<sup>4</sup>, cujas datas evidenciam justamente meados da década de 1990 como um ano onde a dança se populariza em alguns bairros localizados na região norte da cidade e na região metropolitana em Aparecida de Goiânia. A dança *voguing* aparece nesse cenário, através de grupos de jovens que se reuniam e se apresentavam dentro de escolas e espaços de eventos diversos.

Essas performances de *voguing* apresentam uma proximidade com a dança e musicalidade charme, resultando numa estética corporal e de movimento distante do que estava acontecendo na mesma época em Nova Iorque, dentro da cultura dos *balls*. Assim como a dança *voguing* em sua versão apropriada pela juventude local em Goiânia, atendeu a demandas e sociabilidade de outros corpos e outros sentidos culturais, predominantemente homens brancos e heteronormativos. Sobre este assunto, ainda estamos localizando esses personagens históricos para compreender as nuances desse processo de ressignificação da dança, o que poderá nos auxiliar na compreensão de como a dança se modifica com o tempo segundo os corpos e os usos e abusos de seus movimentos em localidades específicas com identidades de gênero diferentes.

Por outro lado, conseguimos mapear de modo mais aproximado, uma outra história da dança *voguing* na cidade de Goiânia na segunda década do presente século, quando a dança passou a vir acompanhada de questões identitárias de gênero e realização que marcaram o advento desta dança nos Estados Unidos.

Entre os anos de 2011 a 2015, o interesse pelo *voguing* em Goiânia, surge nas regiões centrais da cidade, pautada exclusivamente na estética, mas

<sup>4</sup> Conferir os vídeos: “Apresentação do Grupo Move Your Body no colégio Dom Bosco”, 1995. Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=w\\_Lbwa8nghU&t=80s](https://www.youtube.com/watch?v=w_Lbwa8nghU&t=80s) >. Acesso em 05 de jun. 2021. “Luciano, ney e carlinhos dançando voguing”, 1998. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=TVXvwzCUr6I> >. Acesso em 04 jun. 2021 e “Vogue dance em Goiania 09/08/1998 1º lugar no concurso da ARCA”. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=11semAbkP1k> >. Acesso em 05 jun. 2021.

acompanhado de um interesse em aprender e estudar mais sobre as movimentações do *voguing*. Neste contexto, o grupo de dança *Fancy Crew* formado na época, por Davi Tyller, Raí Freitas, e Sofia Araújo e outras pessoas que vinham de outras escolas e estilos de dança, começaram a trocar seus primeiros contatos dentro da comunidade dos *balls* em outras localidades do país, fazendo aproximações principalmente com a comunidade de Brasília, onde a cultura *ballroom* apresentava maior capilaridade. Deste modo, alguns dançarinos de Goiânia começaram a ser reconhecidos como parte da comunidade dos *balls*, e assim fazendo rede de contatos para trocas que poderiam ligar ainda mais pessoas que conheciam o *voguing* e a cultura *ballroom* na região Centro-Oeste do país.

Esse contato também se estendeu a outras regiões, como sudeste e o sul do país, locais onde a propagação da cultura dos *balls* estava fortemente acontecendo. E com isso, mais informações sobre a cultura e sobre o *voguing* foi sendo apresentado a comunidade artista do centro de Goiânia, o que levou muitos participantes que já estavam ou começavam a frequentar escolas de dança, a se interessarem pela dança *voguing*, sendo muitos desses praticantes formados por pessoas LGBTQIA+ que encontram no *voguing* algo para além da dança, que fornece identidade de gênero e liberdade de expressão. Em 2017 com o crescente interesse pelo *voguing* dentro dessas escolas, teve início o processo de formar encontros fora das escolas, com encontros que aconteciam através de batalhas organizadas seguindo a lógica dos *balls* de Nova Iorque para um divertimento e inserção da cultura para os novos participantes e também para os espectadores, também aconteciam encontros em parques e praças do centro da capital, voltados a treinos e debates abertos para quem chegasse.

Os mesmos organizadores desses encontros, foram os que em 2018 iniciaram a primeira Casa em Goiânia, a *House of A'trois*, fundada por Flávys Guimarães AtrOis, (*mother*), Gleyde Lopes AtrOis (*princess*), Lucas Syuga AtrOis (*father*). Em 2019 surgiu a segunda Casa, nomeada *House of Witch* e fundada por Roh Witch, (*mother*). No ano seguinte, foi fundada a Casa Dionisi. por Carpa Dionisi (*father*) e Eros Dionisi (*father*). No ano de 2020 no dia 13 de maio, aconteceu o último *ball*, na cidade, A Diabollica, organizada pelo Coletivo de Educação Popular com preparatório para ENEM/ENCCEJA destinado à população trans, travesti e LGB+ - Prepara Trans, mas por conta da propagação do novo coronavírus (Covid-19) e a necessidade de isolamento para frear o número de contágio, fez necessário

que a comunidade dos *balls* no mundo todo respeitasse as leis de isolamento, fazendo com que a divulgação e propagação da cultura *ballroom* e logo do *voguing* fosse por meio virtual e online.

Pietra Pedrosa Silva Rodrigues  
UFG

## Referências

CADUS, E. Narrativas dominantes y violencia epistémica en la historiografía de las danzas argentinas: posibilidades de desobediência. **Revista Intersticios de la Política y la Cultura**. 16, ano, pp. 143-16

GUARATO, R. Del abandono como práctica historiográfica para una historiografía del abandono. **Investigaciones em Danza y Movimiento**, V. 01, N° 01, Año 01, 2019, pp. 03-21.

PEREIRA, A.R. Entre memórias de infância e crianças legendárias: Gênero, raça e sexualidade dos primeiros anos à cena de ballroom & vogue estadunidense. **REBEH – REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DA HOMOCULTURA** V.03, N. 09, 2020, p. 64-95. <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/index>.

SANTOS, H.C. **A transnacionalização da cultura dos Ballrooms**. Dissertação de mestrado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2018.

TAMBUTTI, Susana e GIGENA, Maria-Martha. Memórias do presente, ficções do passado. In: GUARATO, Rafael (Org). **Historiografia da dança: teorias e métodos**. São Paulo: Annablume, 2018, pp. 157-179.

ZION, F. A CATEGORIA DE DESFILE RUNWAY FIGURA FEMININA NA COMUNIDADE AFRO-LATINA E LGBT AMERICANA BALLROOM: UMA PASSARELA CONTRACULTURAL. **CADERNOS CÊNICOS**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 26, 2020. Disponível em:

<https://www.seer.ufal.br/index.php/CadCenicos/article/view/10585>. Acesso em: 4 ago. 2021.